

que a planejou o seu organizador, M. Cavalcânti Proença. Com muitas grandes obras conta atualmente a nossa literatura, à espera de que a atenção e o desvelo de críticos e editores delas se ocupem. — ALIETTE FONTANA.

SODRÉ, Nelson Werneck — *O Naturalismo no Brasil*, Rio, Civilização Brasileira, 1965, 248 pp.

A atividade intelectual de N. W. S. impressiona pelo número de obras publicadas, em espaço relativamente pequeno, evidenciando a luta constante de quem tem muita coisa a dizer e a combater e dispõe de pouco para fazê-lo. Sua capacidade de trabalho se diversifica em vários campos de ação — histórico, literário, social — onde divisa um rápido processo de transformação, desencadeado no passado por forças que continuam a atuar ainda hoje, movimentando as engrenagens da humanidade. É perceptível através de seus escritos certa pressa e também certa paixão, imprimindo um caráter polémico aos seus livros e apontando o escritor militante que precisa dizer o que sente e pensa, oferecendo apreciável colaboração para compreender a realidade brasileira por via das coordenadas universais. Por outro lado, essas características implicam necessariamente em imperfeições e repetições que vão obrigar N. W. S. a proceder à revisão de suas obras a fim de sanar pequenos defeitos, dando-lhe consistência ainda maior. Dentre as obras ultimamente publicadas e aí incluídas, encontra-se *O Naturalismo no Brasil*, que eu preferiria chamar de "estudos do naturalismo", título que define com mais propriedade os elementos tratados nesse bom trabalho que, partindo de Zola, iniciador do Naturalismo, passa por Eça de Queirós e chega ao Brasil, onde se acrescentam novos componentes que lhe imprimem uma diferente feição, segundo aponta o A.

*O Naturalismo no Brasil* principia por um apanhado geral das transformações políticas, sociais, científicas e filosóficas que abalaram a estrutura universal a partir da segunda metade do século XIX e determinaram a expansão-burguesa. E' quando surge o movimento literário do Naturalismo, como consequência das preocupações de uma arte com foros de científicismo e em oposição ao cansado romantismo.

Para situar a obra de Zola, nas relações com o meio e com a época, N. W. S. se utiliza de alguns paralelismos com outros autores e outras obras, buscando vê-la em suas múltiplas interrelações, porque "o desenvolvimento da obra do romancista francês" (...) "reflete o desenvolvimento do naturalismo" (p. 30). Ao influxo da dialética que o impulsiona, o A. verifica a importância de Zola em função das várias causas que afetaram a arte e a sociedade em geral, e modificaram o panorama social. Assim, o fenômeno literário se liga, inseparavelmente, à realidade social, o que faz do romancista um elemento que observa e reproduz com fidelidade e exatidão os aspectos da natureza, em especial os aspectos "horríveis" (p. 39), numa paciente e minuciosa elaboração, determinante do empobrecimento da arte naturalista que não sobreviveu em literatura a Zola, conforme a afirmação de N. W. S.

Depois de estudar o aparecimento do Naturalismo em Portugal, bem como as transformações por ele sofridas e operadas, verifica a importância que ele representa na literatura portuguesa a viver ainda os últimos suspiros do romanticismo oficial e oficializado, que teimava em persistir e desconhecer a realidade em processo de rápida transformação no resto da Europa.

Ao examinar os ataques feitos às obras naturalistas, o A. aponta os de fundo moral, sem dúvida de estreita moral, como os mais violentos e demonstra

sua insuficiência e superficialidade. Entre os que assim procederam, N. W. S. inclui, embora com ressalvas, a Machado de Assis, no que tem a nossa discordância. Machado de Assis não atacou *Êça* pelo aspecto moral de sua obra, mas pela insuficiência estética e fraqueza estrutural de *O Primo Basílio*, pela psicologia superficial de suas personagens, carentes de qualidades e condições para suportarem os "dramas" que *Êça* pretendeu atribuir-lhes. O que Machado atacou foi aquilo que fazia da obra um romance menor, numa palavra, a falta de verossimilhança das personagens. Por outro lado, o A. vê o romancista português sem as contradições que tem imputado a crítica, por admitir que "a posição ética de *Êça de Queirós* permaneceu, pois, nesse sentido, constante e harmônica" (p. 68), o que também é possível discutir. Além disso, o estudo dedicado a *Êça*, em que existem algumas contribuições valiosas para a compreensão do romancista português, é demasiado longo e determina certo desequilíbrio na obra, desviando-a do objetivo preconizado no título. Ainda que N. W. S. reconheça a impossibilidade de "estudar o naturalismo brasileiro sem verificar as duas fontes: a original francesa e a queiroiana e portuguêsa" (p. 126), a ressalva ou a justificativa é insuficiente para explicar as dimensões do estudo dedicado a *Êça de Queirós*, que ocupa quase metade do livro e se constitui, na verdade, num bom estudo, num ensaio cujos resultados nem sempre encontram aplicação no restante do livro.

O Naturalismo no Brasil sómente começa a ser tratado pela altura da página 160, a mais da metade do livro, e mesmo assim com cortes sucessivos para explicar certas interrelações ou compromissos a que se deve acrescentar um sem número de citações, sem indicação exata da fonte, embora entre aspas.

E se a obra pretende abarcar o Naturalismo desde suas origens mais longínquas, para acompanhar seu processo de irradiação através de Portugal e depois também do Brasil, verificando suas transformações e características peculiares recebidas no tratamento que lhe ministraram, com relação ao Brasil, parece-nos que fica incompleta. É bem verdade que levanta inúmeros problemas e suscita discussões, o que indica vitalidade de processo ao trazer à tona problemas que estão requerendo estudo e esclarecimento, como é o caso do Naturalismo no Brasil, época de primeira importância em nossa evolução literária e histórica ainda desconhecida em sua causalidade mais profunda e principalmente duma perspectiva moderna. N. W. S. reconhece que "o naturalismo, por tudo isso, foi a criação de uma época e sua universalização correspondeu menos à universalização das transformações que se vinham operando, o que era impossível, do que à universalização de seus efeitos" (p. 202).

N. W. S. demonstra com segurança que o Naturalismo no Brasil não correspondeu a uma realidade social que lhe pudesse servir de base, como no caso europeu. Continuou entre nós mesclado de Romantismo, como em Portugal, porque se manteve ligado aos laços do passado; seria pois reflexo "duma sociedade escravista e feudal", sem condições para aceitar as novas fórmulas literárias que se impunham na Europa. O Naturalismo foi uma planta exóticamente transportada para o nosso meio. Assim não se podia "pretender que a sociedade brasileira da segunda metade do século XIX tivesse capacidade para criar, aceitar e desenvolver o naturalismo" (p. 228), fenômeno estranho para uma sociedade que desconhecia os progressos que aceleravam a modificação das estruturas européias.

Não é ainda a obra que se está esperando como estudo de conjunto e em profundidade desejada do Realismo-naturalismo no Brasil, mas pode, com certeza, ser o ponto de partida para novas incursões, principalmente pelo caráter po-

lêmico que apresenta, o que obrigará necessariamente estudos mais amplos, na tentativa de explicar o que em princípio impõe reservas para aceitação.

A despeito de certas restrições que podem ser feitas, inclusive com referência ao texto não muito bem cuidado, reconhece-se a importância e o valor do estudo de Nelson Werneck Sodré, a partir de agora fundamental para todos os que quiserem estudar o Naturalismo em língua portuguesa. Claro e simples, de acessibilidade imediata, é estudo merecedor de elogios pelo que põe em causa e porque examina o fenômeno literário em função dos acontecimentos gerais e não como realidade isolada. — JOSÉ CARLOS GARBUGLIO.

HELMUT FELDMANN. *Graciliano Ramos. Eine Untersuchung zur Selbstdarstellung in seinem epischen Werk*, KRA, 32, Genebra/Paris, 1965, 135 pp.

No âmbito das publicações do Departamento de Estudos Romanísticos da Universidade de Colônia (*Kölner Romanistische Arbeiten*), saiu agora a lume o trabalho do Prof. Helmut Feldmann sobre a obra de Graciliano Ramos. O Autor, ex-professor na Universidade do Ceará e ex-leitor do Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão no Brasil, estudou intensivamente a obra de Graciliano, e no seu trabalho, introduzido por uma apresentação do romance nordestino como lídima expressão do modernismo brasileiro (pp. 11-32), consagra-se principalmente a pesquisar aquelas feições nas personagens gracilianas que ou revelem o tipo do ideal almejado ou indiquem traços auto-biográficos. Seu livro é dividido em duas partes principais, cabendo à primeira (pp. 33-69) focalizar a obra de memórias, *Infância* e à segunda estudar os chamados "grandes romances": *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Sêcas*.

Até agora era Graciliano Ramos conhecido na Alemanha apenas através do romance *São Bernardo*, traduzido por Willy Keller, e publicado em 1960. Com a publicação deste trabalho de Helmut Feldmann (sua tese de doutoramento) é justificada a esperança de que também outras obras venham a ser traduzidas, principalmente, considerando-se que a edição de *São Bernardo* suscitou ressonância muito além da esperada, tanto que no ano passado foi posto à venda em edição de bolso, de grande tiragem. Apesar de na Alemanha terem sido publicadas, nos últimos anos, traduções de obras nacionais em número superior ao verificado em qualquer outro país, existe ainda relativo desconhecimento da moderna literatura brasileira, justificando o capítulo introdutório do trabalho em epígrafe, a concluir com a apresentação das metas que o A. pretende atingir. Nesse enunciado dos seus propósitos, chega às indagações fundamentais para o seu estudo: "A passagem da criação de romances à realização de obras de memória tem repetidamente preocupado a crítica: extingu-se de repente a força criadora de Graciliano, sendo as memórias nada mais do que um final melancólico de sua atividade literária? Ou terá sido a passagem do romance às memórias um passo decisivo, sendo que — nesse caso — as "memórias" devam figurar, para o crítico, em plano mais elevado do que os romances?" (pp. 26-27).

Antonio Cândido já deu, a nosso ver, a resposta mais conveniente a tais indagações, dizendo que "a autobiografia foi um caminho que escolheu e para o qual passou naturalmente, quando a ficção já não bastava para exprimir-se". Enquanto isso, o A. cita Hildon Rocha: "Graciliano se serve da arte só para a transposição, por onde canaliza, dolorosamente, toda uma experiência, todo um mundo de sensações e reminiscências, de que só através dela se libertaria", para chegar à concepção da "unidade da obra" de Graciliano, confissão completa, que